

Respostas ao 2º Questionário da Comissão para a Assembleia de revisão das Linhas Comuns de Pastoral. 1990

Premissa

Uma premissa de carácter geral vai como resposta global ao ditado da pergunta fundamental, especificada a seguir nas 8 perguntas-ajuda.

Queremos dizer que:

A. Desde o primeiro contacto com pessoas provenientes de uma tabanca, de maneira especial se "nova" ao anúncio tentamos criar relacionamentos

- . ou entre as pessoas já evidenciadas
- . ou estimulando até a oração para que o Senhor ajude a evidenciar-se os que já chamou para fundar a nova Comunidade.

De qualquer forma sempre os pomos em relação com as Comunidades mais próximas a que poderão e deverão apoiar-se.

Isso fazemos normalmente por motivos

- étnicos (ver mais abaixo)
- sociais: nenhum isolado avança
- psicológicos (é intuitivo)
- teológicos (Lumen Gentium,9; A.G.15;...)

B. Também

-não baptizamos nenhum indivíduo que não tenha possibilidade de se relacionar de maneira contínua com uma comunidade;

-exigimos que ninguém baptize na sua paróquia indivíduos que vêm de fora sem se informar se no local de que vem e a que presumivelmente irá voltar existe uma comunidade cristã.

E passamos agora a responder às perguntzinhas.

1. Apoias-te mais nos jovens ou nos adultos? Porquê?

Mais nos adultos (o "mais" quer dizer por si que os jovens não estão excluídos).As razões são:

- sociais: o adulto tem uma área de autogestão maior da do joven, por conseguinte tem mais possibilidade de escolher caminhos diferentes do dos pais;
- culturais: . o joven nesta cultura não é "motor" da sociedade, na qual não tem "peso"; os adultos conhecem mais a cultura na qual foram educados e até têm mais possibilidade de sucessivamente ajudar a inculturar a mensagem .
- eclesiais: o adulto que já fez sua casa e tem sua família assentada no local garante mais continuidade à própria Comunidade, que assim se torna mais estável e com mais chances de aprofundar a mensagem e sua tradução na vida.

NB.Historicamente houve como que um caminho de "discípulos" dum grupo de jovens que cresceram caminhando com Pe.Marmugi.A mensagem passou, sem chegar a sacramento nenhum.A certo ponto uns destes antigos jovens, já maduros e com família, se tornaram os primeiros elementos da Comunidade.

Numa segunda fase, que é a actual, já são os adultos que, vendo a estes, resolvem enveredar pelo mesmo caminho.Nesta segunda fase a atenção prevalecte é aos adultos, que até aparecem em número maior.

2.Qual é o papel das famílias?

O papel das famílias é fundamental.Distinguimos o "ser" e o "actuar" das próprias famílias.

a.No seu Ser.

Por ser "célula da sociedade",a família é fundamental na constituição duma Comunidade, que é uma "sociedade nova";

nós somos favorecidos pelo facto que as famílias felupes, no seu núcleo fundamental, são monogâmicas na sua maioria, sendo a poligamia menos frequente e, na maioria dos casos, sucessiva.

Por isso tentamos evangelizar a família tradicional, como aliás vem nas Linhas de Pastoral I,6.

Não poucas são as que vem pedir o Baptismo. A coisa está a difundir-se, a nível de Sector, numas missões limítrofes.

Famílias poligâmicas que se apresentem, normalmente absolvem muito bem ao papel de abrir caminho aos outros e garantir e apoiar a caminhada até a jovens.

A atenção às famílias vem também do facto que a Igreja, como diz o Papa, é "família de famílias", e por ser, sempre segundo o Papa, a família "lugar particularmente privilegiado para dar a conhecer o valor salvador do Evangelho" (Omilia em Bissau,7). A nossa experiência está a dizer-nos que isso é muito real.

b. No seu Actuar.

.O apadrinhamento para o Baptismo, sendo referido a candidatos-famílias, já se faz normalmente por famílias, quer dizer que há famílias madrinhas....

.O mesmo diga-se para a preparação ao matrimónio (ou para a "recuperação" de casais).

.Os casais Animadores familiares cuidam também de incrementar a escolarização dos filhos (meninas também!...), o cuidado do cultivo vocacional e a garantia da possibilidade de resposta dos filhos vocacionados;

o mesmo diga-se para "Cáritas", apoio a pobres e doentes etc.

Em suma, o papel da família aqui é de ser o autêntico fundamento da própria Comunidade.

3. Quais os "Agentes" que sustentam e animam tais comunidades? Como tentas formá-los e ajudá-los a serem pontos de referência e apoio para os demais membros de suas comunidades?

a. Desde o começo dum grupo que vem pedir a catequese tentamos descobrir os elementos que sobressaem como empenhamento, liderança etc. tentando apoiar o nascer dos que chamamos "Animadores de Comunidades iniciais"

A experiência nos diz que é entre eles que irão despontar os vários carismas e serviços na Comunidade que vai nascer. Assim nasceu a maioria dos Catequistas e relativos ajudantes e, progressivamente, responsáveis de Comunidades, Animadores familiares etc. Depois de tempos há outros que se agregam e entre estes últimos nasceram animadores vocacionais e da Cáritas.

b. O método de formação que seguimos é o método da natureza ou familiar; quer dizer que há como que um caminho dos novatos junto dos mais velhos. Mensalmente há uma reunião de todos os agentes de pastoral de todas as comunidades. O local da reunião migra de comunidade em comunidade. É normal que problemas e programas sejam discutidos em tais reuniões, como também as dificuldades das várias comunidades. Procura-se fazer tudo à luz da Palavra de Deus tentando adquirir uma mentalidade cristã em ver, julgar e agir.

Para os catequistas, quando possível e especialmente para os principiantes, há também apoio para a preparação das próprias catequese.

Mais ainda há estágios anuais para eles a nível de Missão, compativelmente com o calendário dos demais estágios de Sector.

É normal que entre os Catequistas sobressaiam líderes ou pessoas em que, de qualquer forma, os membros da Comunidade depositam sua confiança; a estes apoiamos e a estes nos referimos quando há dificuldades a resolver; a estes enviamos também para pedir conselho. A situação ideal é quando estas características se evidenciam em pessoas que já segundo cultura e tradição são "anciãos" com uma certa autoridade moral.

4. Quais os valores que privilegias e que achas mais adequados à finalidade de dar consistência, coesão, responsabilidade e sentido de iniciativa a tais comunidades?

Neste assunto temos boas indicações que nos foram dadas pelos próprios membros das nossas primeiras comunidades; a seguir procurámos reflectir e encontrar até motivações mais profundas.

Antes de mais nada sempre sugerem às comunidades novas que não se vão reagrupar por "moranças" e clãs tradicionais; isso fazem para quebrar "recintos" e fronteiras, onde a identificação sempre se fez, tradicionalmente, em oposição a outros. No caminho cristão não é preciso opor-se a outros para se identificar.

Baseados em sugestões parecidas procurámos sugerir o seguinte:

-Os clãs baseados no totem (animal partner) comum são superados. Eles chamam tal totem "ewum", do radical "UW" que significa "existir", "viver". Vives enquanto vive o teu totem, a vida tua e da tua família reside não só em vós, mas em vós e nele juntos. Cada clã tem o dele. Mas Cristo é a VIDA de tudo e de todos, e, curiosamente o radical que usamos em Col.1,16-17 e Jo.1,3-4 et similia é o mesmo que indica tal realidade.

Veio a ser natural por eles concluir que a divisão por clãs não tem mais razão de existir e não há mais barreiras entre os crentes e entre os homens em geral. E isto não o sentem em oposição ao que diziam os pais, mas como resposta ao que eles procuravam...

-A unidade superclânica vem, por sua vez, pela participação a bens comuns: desde a mesma mama que os amamentou até o mesmo sange a correr nas veias, a mesma bolanha que lhes dá o arroz, o mesmo território em que vivem etc...O ser estes bens limitados traz consigo a luta entre estas unidades superclânicas para estender, guardar, acrescentar os possessos etc..o que dá divisões e guerra.

Os cristãos sabem que participam dos mesmos bens infinitos: o Sangue de Cristo os faz consanguíneos, o Espírito de Cristo lhes dá entendimento comum, a universalidade do Sacrifício de Cristo dá cabo da particularidade das cerimónias tradicionais que nunca vão além de certas fronteiras...

Aliás foi isto que levou os cristãos de várias comunidades de tabancas tradicionalmente inimigas a evitar o deflagrar de guerras em anos recentes.

Seria longo enumerar todas as pistas que seguimos, aliás a pesquisa continua...

5. Como tentas evidenciar estes valores:

a) com qual tipo de "mensagens" (motivações, atenções despertadas...)?

b) Com qual tipo de atitude por tua parte?

a. Os valores que tentamos evidenciar são os de respeito, caridade etc (ver. LCP.III,1,b) e a evidenciação dos carismas, contra o nivelamento próprio da cultura daqui (coesão exterior, hipócrita); por isso exaltamos os carismas, no serviço e na organicidade da Igreja.

Também tentamos o caminho de detectar juntos, entre eles e conosco, os problemas, discutí-los juntos, procurar juntos as soluções, sem que haja "fugas" nem para frente nem para trás...

Tentamos transmitir a Mensagem do Evangelho clara e na íntegra, sem descontos à Palavra, até para terem um ponto de referência bem claro e único para todos; no respeito para com o Espírito que trabalha neles.

Procuramos fazer notar a "inculturação" ao longo do NT e como é legítimo adaptar sem desvirtuar o conteúdo da mensagem. Notamos que isto os encoraja e responsabiliza, não só singularmente, mas, o que interessa, em conjunto.

b. Por nossa parte procuramos saber esperar que amadureça a semente da Palavra na pessoa e o germen da Igreja na tabanca, com o sentido de pertença e de responsabilidade para com o "Caminho" e para com as outras Comunidades, quer da área quer da Guiné e além. O esperar não é falta de respeito para com eles: ajuda-os a assumirem a mensagem e as responsabilidades que dela promanam.

No actuar tentamos tornar evidente que os Sacramentos não são do Padre, mas sim da Igreja, concretizada na Comunidade em que vivem. São pessoais, mas não individuais no sentido de ser algo que passa entre o sujeito e o Padre e mais nada.

Quanto às escolhas "culturais" procuramos que não sejam feitas por nós, nem por pessoas isoladas, nem sequer por uma Comunidade isolada:

eles como conjunto de Comunidades

nós como garantindo a referência à Palavra de Deus e à "tradio" da Igreja.

Quando interrogados, especialmente por parte de catecúmenos, acerca de atitudes práticas a tomar procuramos não dar respostas preconfeccionadas, mas sim aproveitamos para estimular contactos, pesquisas e caminho em conjunto.

6. Dentro da tua Missão ou Paróquia, procuras fazer com que as comunidades ou grupos em formação se ajudem entre si? Com que iniciativas?

Como apontado acima, temos reuniões mensais de "agentes da pastoral". Há entre-ajuda em enfrentar problemas e dificuldades. Às vezes há Catequistas que pedem a outras comunidades que enviem alguém para os ajudar; e se faz.

Nos acontece haver comunidades como que "madrinhas" de outras comunidades vizinhas: as acompanham ao Catecumenato e ao Baptismo e a seguir caminham juntas.

Um dos resultados mais evidentes é o da superação de inimizades ancestrais, baseados na nova coesão dada pela comunhão de vida em Cristo e por estarem a caminhar juntos, ajudando-se mutuamente.

7. A nível do teu Sector ou até fora dele, procuras ligação, apoio e partilha de experiências com outras comunidades? Em que domínios principais?

Os repetidos encontros a nível de Sector entre Animadores de Comunidades iniciais, Animadores familiares e demais operadores pastorais fazem nascer relacionamentos até de amizade. Isto é favorecido pela própria técnica que orienta tais actividades, que privilegia o encontro e a troca de experiências entre eles.

Fora do Sector: não existe comunicação nenhuma a nível de Diocese. Quando muito aproveitam-se os encontros a nível de Comissões e a nível de Pime (ou irmãs, respectivamente).

8. Na edificação destas comunidades vivas, quais os resultados, ainda que parciais, que achas ter conseguido até agora?

Com todas as falhas e as discontinuidades próprias de um caminho de amadurecimento, achamos que algo de importante já se vê, a saber:

. Comunidades que transcenderam os princípios ancestrais de coesão-oposição para se unirem em Cristo, princípio da Vida de todos.

. Comunidades que se ajudam entre si

. Comunidades estáveis, baseadas em famílias residentes, preocupadas da continuidade do Caminho de Igreja, apoiando o caminho Catecumenal e o caminho Matrimonial (preparação, recuperação, vivência). Neste contexto: comunidades que exprimem Padrinhos sérios, cientes da sua tarefa.

. Comunidades conscientes de que estão a criar uma tradição Cristã-Felup a que os filhos se poderão referir.

. Comunidades com sentido vivo da pertença à Igreja Universal, realizada na Igreja de Suzana no contexto da Igreja Guineense (a referência ao Bispo como sinal de unidade é constante)

Suzana Julho 1990

A Comunidade missionária de Suzana